

QUINE E A TEORIA DA VERDADE DEFLACIONÁRIA

Quine and the deflationary theory of truth

Daniel Ramos do Santos¹

Resumo: O objetivo deste artigo será o de tentar verificar qual a relação de Willard Van Orman Quine com a teoria deflacionária da verdade. Para tanto, começaremos com o exame dos portadores de verdade, com a intenção de saber a opinião de Quine sobre qual, dentre outros, seria o verdadeiro portador ou veículo da verdade, ou seja, saber, segundo Quine, de que dizemos ser verdadeiro ou falso. Reduziremos nosso exame a sentenças e proposições, e uma vez identificado o portador de verdade escolhido por nosso filósofo aqui em questão, a saber, a *sentença*, faremos uma breve apresentação das teorias deflacionárias e da correspondência no que diz respeito à verdade. Por fim, com base em tal apresentação, trataremos de identificar a posição quineana no que se refere à verdade e, conseqüentemente, sua relação com o deflacionismo.

Palavras-Chave: Quine; deflacionismo; teoria da correspondência; verdade.

Abstract: The aim in this paper will be to try to verify which relation of Willard Van Orman Quine with the deflationary theory of truth. To this end, we will begin with the examination of truth-bearers, with intent to know from Quine on which, among others, would be the true bearer or vehicle of truth, that is, to know, according to Quine, from that we say to be true or false. We will reduce our exam to sentences and propositions, and once identified what truth-bearer chosen by philosopher in question here, namely, the *sentence*, we make a brief presentation of deflationary and correspondence theories in relation to the truth. Finally, based on this in such presentation, we try to identify the Quine's position with regard to truth and, consequently, its relation with the deflacionism

Keywords: Quine; deflacionism; correspondence theory; truth.

1. Introdução

Quando se aborda o tema da verdade e, conseqüentemente, as teorias da verdade, nos deparamos com o tratamento de uma questão que é anterior e necessária para que possamos entrar no debate dessas teorias. Antes de tratar esse tema, ou, antes de tentar saber o que é a verdade, devemos nos perguntar a respeito do que dizemos ser verdadeiro ou falso. Devemos nos perguntar quais são os veículos ou portadores da verdade. É disso que nos ocuparemos no segundo tópico. Por considerar que os candidatos mais indicados para este papel são as proposições e as sentenças, falaremos somente sobre esses dois possíveis veículos de verdade, e nosso objetivo ao analisarmos esses dois candidatos a

¹ Mestre em Filosofia (UFPI).

portadores da verdade será o de verificar qual deles Quine escolhe, para, a partir de então, trabalharmos com esse portador de verdade escolhido por ele, posto que estaremos aqui, nesse aspecto, sob o ponto de vista quiniiano. Em seguida, no terceiro tópico, será feita uma apresentação da teoria deflacionária da verdade. Veremos que, de acordo com o material pesquisado para a construção do presente texto, o deflacionismo está dividido em diferentes propostas, as quais não serão apresentadas aqui em detalhes por não fazerem parte de nosso foco. Contudo, mostraremos a ideia central que as unem. Apresentaremos também, neste mesmo tópico, a teoria da correspondência, contra a qual a teoria deflacionária da verdade teria surgido.

Por fim, no quarto tópico, tentaremos mostrar a posição de Quine referente à teoria da verdade e, por conseguinte, sua relação com o deflacionismo. Veremos o que Quine pensa da teoria da correspondência de Tarski e se esta tem ou não alguma relação com o deflacionismo. Sobre esse ponto, levaremos em conta principalmente o exame que Donald Davidson faz sobre a concepção de verdade quiniiana.

2. Os portadores da verdade

2.1 As sentenças

Antes das teorias sobre a verdade, há a discussão sobre quais são os portadores da verdade, ou quais são os veículos da verdade, ou ainda, quais são as coisas das quais dizemos que são verdadeiras ou falsas. Dois candidatos fortes a serem tomados aqui como portadores da verdade são as sentenças e as proposições². Quando digo “ontem à noite eu estava respirando” dizemos dessa sentença que ela é verdadeira, e quando digo “estou agora em Londres e Portugal” dizemos dessa outra sentença que ela é falsa. De acordo com Costa³, é razoável exigirmos um princípio de invariância para os portadores de verdade, pois o que é verdadeiro permanece verdadeiro ou o que é falso permanece falso, e são os portadores de verdade os quais dizemos serem verdadeiros ou falsos. Daí a exigência de um *princípio de invariância* para os mesmos, ou seja, de que eles sejam e permaneçam verdadeiros ou falsos.

Todavia, a admissão das sentenças como portadoras de verdade traz consigo um problema. As sentenças não têm por base um princípio de invariância, ao contrário, elas variam de acordo com o contexto. Considere a sentença “Está chovendo”. Ela será falsa se

² Costa, em seu *“Arquiteturas conceituais: uma abordagem à filosofia contemporânea”*, mostra um leque razoavelmente vasto de supostos portadores de verdade, são eles: pessoas ou coisas; sentenças assertivas; proposições ou pensamentos e crenças. Vale a pena notar que a pesar de escolher o pensamento como portador de verdade, assim como fez Frege, Costa toma “proposição” e “pensamento” como termos intercambiáveis (cf. 2010, p. 21). Já Sanches *apud* Barata (recensão) *In* Sanches, 2009, pp. 3-4, não faz distinção entre frase e crença: “dizer que **uma frase ou uma crença** é verdadeira quando corresponde aos fatos, não acrescenta nada à ideia de verdade”. Davidson, por sua vez, ao menos no texto *Verdade reabilitada*, não se preocupa em fazer uma distinção entre os possíveis portadores de verdade, diz ele: “verdade é um conceito, e é inteligivelmente atribuída a coisas tais como sentenças, enunciados, crenças e proposições, entidades que têm um conteúdo proposicional”, (s.d., p. 1). Todavia, por razões já explicadas, no presente texto faremos como Bensusan (s.d., p. 56), que mencionou como (os quais julgamos serem os mais fortes candidatos) portadores de verdade apenas *proposições e frases* (consideraremos frases e sentenças como termos intercambiáveis). Diz ele: “assim como no caso da correspondência, a redundância e outras formas de concepção deflacionária dependem de que tipo de objetos concebemos como sendo primordialmente capazes de verdade: Ramsey tomava proposições, deflacionistas contemporâneos preferem frases”. A nosso ver, a diferença entre “frase” e “sentença”, nesse caso, é apenas temporal. O uso do termo “frase” é atual frente ao uso do termo “sentença”.

³ 2010, p. 23.

pronunciada por alguém que está em um lugar que não está chovendo e verdadeira se, obviamente, pronunciada por alguém que está em um local que está chovendo. Por outro lado, considerando agora as seguintes sentenças “Está chovendo” e “It’s raining”, percebe-se que embora as sentenças mudem, o conteúdo continua o mesmo. Se elas forem proferidas nas mesmas circunstâncias, serão verdadeiras (caso chova), ou falsas (caso não chova). Sendo assim, apenas o que é dito pelas sentenças, de mesmo conteúdo, permanece o mesmo. E parece que é aquilo que é dito pelas sentenças que justifica o mesmo valor de verdade das mesmas.

Diante do exposto, então, podemos inferir, pelo menos provisoriamente, que o portador de verdade ou o veículo da verdade é aquilo que a sentença diz. E o que a sentença diz é entendido por muitos de diversas maneiras, tais como “proposição, conteúdo proposicional, conteúdo enunciativo, o sentido da frase declarativa, o pensamento...”⁴. Fiquemos aqui com “proposição”, por entender que é o uso mais comum.

2.2 A proposição.

Quine diz que o acordo quanto à afirmação de que as proposições são o que podemos chamar de verdadeiras ou falsas é grande, no entanto, ele acusa essa palavra de ambiguidade, e seria por conta dessa ambiguidade, segundo ele, que haveria um amplo acordo sobre serem as proposições os verdadeiros veículos da verdade⁵. Alguns acham que a palavra proposição se refere a algumas sentenças que cumprem certas condições, já outros entendem que se refere aos significados dessas sentenças. Para os primeiros, os veículos da verdade são as sentenças, para os segundos, são os significados das sentenças. Desse modo, vê-se que o acordo não pode ser tão amplo como se pensava. Para Quine, a segunda posição, a de que os significados são os veículos da verdade, é vulnerável por conta da vulnerabilidade da noção de significado. Ele diz que se considerarmos a sua tese da *indeterminação da tradução*⁶ esse ponto de vista não se sustentará.

Sobre a tese da indeterminação da tradução, de maneira sumária, podemos dizer que Quine chega a ela por meio de uma teoria da aprendizagem da linguagem. Ele analisa duas situações de tradução radical, a saber, a de linguistas, que tentam aprender uma língua totalmente desconhecida e a da criança, na aprendizagem de sua língua materna. A partir da análise desses dois casos, Quine chega à conclusão de que a experiência indetermina as teorias⁷. Assim sendo, pode haver teorias incompatíveis sustentadas pelos mesmos dados empíricos, conseqüentemente, como no caso dos linguistas, pode haver diferentes e incompatíveis manuais de tradução perfeitamente aceitáveis e sustentados pela mesma situação empírica, e isso obviamente compromete a noção de significado, pois o que

⁴ Costa, 2010, p. 23.

⁵ Cf. Quine, 1992, p. 119.

⁶ Cf. *Ibidem*, p.79.

⁷ Essa é outra tese, a da *subdeterminação das teorias*, e tanto essa quanto a da *indeterminação da tradução* estão fortemente ligadas (ou pode-se dizer que são devedoras de) a outra tese de Quine, a saber, a tese da *inescrutabilidade da referência*. De acordo com Stein, “mesmo com a possibilidade de determinação do *stimulus meaning* de uma sentença observacional, não há, segundo Quine, a possibilidade de determinar a referência dos termos integrantes da sentença. Qualquer observação do comportamento dos falantes e das situações em que eles assentem ou dissentem a uma sentença não permite concluir qual é a referência exata dos termos integrantes de uma sentença observacional. Essa tese defendida por Quine é chamada de *tese da inescrutabilidade da referência*” (2003, pp. 196-197). Por causa do que afirma essa tese, “não é possível, em uma situação hipotética de tradução radical, determinar univocamente a correlação entre termos de duas línguas distintas. Há [segundo Quine] a possibilidade de correlacionar de mais de uma maneira os mesmos termos, utilizando, para tanto, diferentes manuais de tradução. [...] Nesse caso, fica evidenciado, segundo ele, que a indeterminação da tradução se deve, em parte, à subdeterminação de qualquer sistema teórico em relação à observação” (*ibidem*), e ambas, podemos inferir, se dão por conta da inescrutabilidade da referência dos termos integrantes das sentenças.

significa para um linguista uma determinada frase de uma língua totalmente desconhecida na tradução desta para a língua do linguista pode, essa mesma frase, significar algo totalmente diferente e até mesmo contraditório para outro linguista, e ainda assim serem ambas as traduções sustentadamente aceitáveis. Diz Quine:

Mesmo sem necessidade de lançar mão de minha tese, parece pouco natural abandonar as sentenças visíveis ou audíveis para eleger os significados das sentenças como veículos de verdade, pois somente nos é possível dizer qual significado sentencial temos em mente recorrendo previamente à sentença⁸.

Como podemos ver, a opção de Quine é pelas sentenças, estas, segundo ele, seriam algo mais sólido. Contudo, não é qualquer tipo de sentença, pois em alguns casos se enfrenta o problema de uma mesma sentença ser verdadeira em algumas ocasiões e falsa em outras. As proposições que muitos pensam serem os significados das sentenças são, argumenta Quine, única e exclusivamente, significados de sentenças que pertencem a uma classe mais sólida de sentenças, que não estão expostas a problemas como o que foi apresentado acima. Quine as chama de “sentenças *eternas*”. Explica ele: “minha posição é, então, óbvia: são as sentenças eternas as que podem servir-nos como veículos da verdade”⁹. Para o nosso propósito aqui basta sabermos que, para Quine, os verdadeiros veículos de verdade são as sentenças e não as proposições. Posto isso, encaminharemos nossa discussão para a teoria deflacionária da verdade para, a partir daí, tentar identificar a relação de Quine com tal teoria.

3. A teoria deflacionária e a teoria da correspondência.

O deflacionismo tem como ponto central, a defesa do ponto de vista segundo o qual não há um problema filosófico no que diz respeito à natureza da verdade. A noção de verdade, segundo essa visão, pode ser esclarecida se reconhecermos a equivalência existente entre a atribuição de verdade a uma determinada sentença e a asserção dessa mesma sentença¹⁰. Dentro da esfera do deflacionismo existem várias propostas, a saber, teoria da redundância, teoria minimalista, teoria da descitação e a teoria semântica da verdade¹¹, todavia, de acordo com Donald Davidson, há uma ideia compartilhada de forma comum pelos diversos tipos de deflacionismos¹², tal ideia diz que o conceito “verdade” é essencialmente sem importância, e sendo assim, não tem o valor tão alto quanto a metafísica teria lhe atribuído¹³.

Segundo Bensusan, o movimento deflacionista surgiu, mais especificamente, como uma reação a concepções da verdade como correspondência, pois para os adeptos dessa tendência, as teorias da verdade como correspondência, trazem consigo uma série de problemas não resolvidos¹⁴, “sem falar na questão se é inteligível a ideia de que podemos confrontar crenças, pensamentos ou frases com o mundo, apelando para algo mais além de

⁸ Quine, 1992, pp. 119-120.

⁹ *Ibidem*, p. 121.

¹⁰ Filho, s.d., p. 25.

¹¹ Sobre as diversas versões de deflacionismos ver Dicionário de Cambridge, *in* verdade.

¹² Ao que parece, a noção deflacionista pode ser entendida como praticamente igual à noção de redundância, a qual pode ser encontrada já nos escritos de Frege, mas que remonta de modo mais específico a Ramsey. Como afirma Haack, “a teoria da redundância (embora tenha sido sugerida antes por algumas observações de Frege em 1918) deriva fundamentalmente do trabalho de F. P. Ramsey em 1927 [...] ele pensa que ‘não há realmente nenhum problema independente a cerca da verdade, mas meramente uma confusão linguística’” (2002, p. 177).

¹³ Cf. s.d., p. 3.

¹⁴ Cf. Bensusan, s.d., pp. 55-56.

nossos objetos capazes de verdade”¹⁵. De modo semelhante, Davidson diz que uma das fontes de direção do deflacionismo é “a ampla e largamente justificada insatisfação com as tentativas padrão (*sic!*), e mais imediatamente atrativas, de proclamar que um enunciado ou crença é verdadeira se e somente se ela corresponde aos fatos, ou realidade, ou o modo que as coisas são”¹⁶. E ele se refere à tendência deflacionista como uma reação legítima¹⁷ ao que ele chama de “teorias de verdade infladas ou errôneas”¹⁸.

As teorias da correspondência remontam pelo menos a Aristóteles, em sua *Metafísica*. “Dizer do que é que é e dizer do que não é que não é”, seria, segundo ele, dizer a verdade, do contrário, seria, obviamente, dizer o falso. Em tempos mais recentes, uma teoria da verdade como correspondência que tem sido muito falada e que deve ser considerada é a teoria de Tarski. De acordo com Filho, Tarski “menciona a ideia de correspondência como uma formulação mais moderna da concepção de Aristóteles e que serve de parâmetro para a sua definição”¹⁹.

Tarski considera as sentenças como portadoras de verdade e sua definição da verdade tem um caráter relativo²⁰. Esse caráter relativo da definição de Tarski é devido justamente à escolha das sentenças como os portadores de verdade. Uma mesma sentença pode ter um sentido ou significado diferente a depender da linguagem que esteja sendo considerada, em consequência disso pode essa mesma sentença ter valores de verdade diferentes. Assim sendo, o predicado “verdade” deve ser sempre definido relativamente a uma determinada linguagem²¹.

A definição da verdade dada por Tarski é conhecida como esquema (I), e se expressa da seguinte maneira: (I) a sentença x é verdadeira se, e somente se, p . “Substituindo-se x pelo nome de uma sentença e p pela própria sentença obtém-se uma definição parcial de verdade, isto é, a definição de verdade para a sentença em questão”²².

O seu objetivo com sua teoria da verdade era dar uma definição ou explicação da expressão linguística ‘sentença verdadeira’, mas para uma linguagem específica, com determinadas características. O seu interesse não era, com tudo, dar uma definição do que seria a ‘natureza da verdade’ ou de sua ‘essência’, com toda conotação metafísica que uma tarefa como essa possa ter. Sua definição deveria ser semântica e teria que alcançar o sentido da concepção de verdade como correspondência.

De acordo com a definição tarskiana da verdade, a meta linguagem contém a linguagem objeto, sendo assim, segundo Filho, ele toma uma posição *deflacionista* em relação ao problema da verdade, de acordo com a qual, o problema da natureza da verdade não constitui um problema propriamente filosófico²³. Vale lembrar que, com isso, surgiram algumas objeções ao esquema (I). Talvez a mais forte seja a acusação de trivialidade. Esta objeção tem como base a falta de esclarecimento da “relação entre o lado direito de uma sentença (I) e a realidade”²⁴, dessa maneira, um juízo (I) seria trivial porque “é apenas uma relação entre uma expressão linguística e o seu nome, apesar das pretensões em

¹⁵ *Ibidem*, p. 55.

¹⁶ Davidson, s.d., p. 3.

¹⁷ Existem, contudo, críticas à posição deflacionista, e uma delas, segundo Bensusan, é a de que esta posição não faz jus à capacidade que tem a verdade de estabelecer uma associação entre nossas crenças e o mundo. Ele diz o seguinte: “o mundo escapa porque não há nada nele que influencie a verdade de nossos pensamentos ou frases, não é nenhum item do mundo que torna nossos pensamentos e frases verdadeiros. O elo que esperamos entre a verdade e o mundo – um elo que as correspondentistas nos prometem esclarecer – fica danificado” (s.d., p. 57).

¹⁸ Cf. Davidson, s.d., p. 3.

¹⁹ Filho, s.d., p. 43.

²⁰ Cf. *Ibidem*, p. 29.

²¹ Sobre esse ponto, ver *Ibidem*, p. 30.

²² *Ibidem*, p. 35.

²³ *Ibidem*, p. 25.

²⁴ *Ibidem*, p. 47.

contrário”²⁵. Não iremos adiante apresentando respostas a esta objeção posto que não seja este o nosso foco aqui. Depois de expostos os principais aspectos da teoria deflacionária, vejamos agora qual será a relação de Quine com a mesma.

4. A posição de Quine em relação à verdade.

Sendo que já nos decidimos sobre quais são os portadores de verdade, ou que, pelo menos, já nos decidimos quanto ao que consideraremos como portadores da verdade cabem-nos agora, seguindo Quine, sabermos em que consiste a verdade destes portadores²⁶. Ele começa falando da ideia comum que se tem de que a verdade das sentenças equivale à correspondência das mesmas com a realidade. Mas, como já é bem conhecido, quando se trata do pensamento quíniano – e já explicamos isso aqui (tópico 2.2) – a correspondência termo a termo não serve. Seria melhor, então Seria melhor, então, postular fatos, cada um como contraparte correspondente de uma sentença verdadeira considerada como um todo, ou seja, a sentença deve ser considerada em sua inteireza, e não nos termos que a compõe. Contudo, diz Quine, os fatos só fornecem apoio aparente para uma teoria da correspondência²⁷.

Em seguida ele mostra sua simpatia com o correspondentismo, dizendo que ele tem um fundo válido, mas tal como é exposto por Tarski. Na teoria da correspondência de Tarski, diz Quine, a expressão ‘é um fato que’ pode ser eliminada, pois seria vazia. Em vez de ‘A neve é branca’ é verdadeira se e somente se é um fato que a neve é branca, teríamos: ‘a neve é branca’ se e somente se a neve é branca. Neste caso, a predicação da verdade é o mesmo que a retirada das aspas, ou seja, “a atribuição de verdade simplesmente elimina as aspas e com elas os fatos mesmos. A verdade é desaspada”²⁸. Assim sendo, tal predicado é desnecessário quando o afirmamos ou predicamos de uma sentença dada, pois basta apenas dizer a sentença. No entanto, defende Quine, ele é necessário²⁹ quando a sentença não está já dada.

Considerando que Quine concorda com a teoria da correspondência tarskiana, como vimos acima, e que essa teoria, sob a ótica da exposição quineana, descamba para uma espécie de descitacionismo, segundo o qual a verdade é irrelevante, e sendo que esta visão é uma ramificação do deflacionismo, podemos dizer que Quine é descitacionista e, conseqüentemente, um deflacionista. Todavia, quando ele diz que o predicado ‘verdade’ é necessário na situação em que a sentença não está dada, parece que já não podemos dizer o mesmo.

Diante do exposto, parece ser um caminho natural a conclusão de que Quine se enquadra no escopo das teorias deflacionistas porque defende o descitacionismo, mas, como veremos mais a frente, Davidson põe em questão justamente essa associação de Quine com o deflacionismo via descitacionismo, enquanto que outros simplesmente afirmam sem maiores detalhes que ele é deflacionista.

Davidson toma a definição de deflacionismo elaborada por Paul Horwich, o qual toma Quine como um aliado³⁰, para partindo daí analisar a relação de Quine com esta teoria. De acordo com tal definição, para o deflacionista nada há além do conceito de verdade que já não saibamos quando entendemos que todos os casos do esquema (I) são

²⁵ *Ibidem*.

²⁶ Cf. Quine, 1992, p.122.

²⁷ Cf. *Ibidem*, p. 123.

²⁸ *Ibidem*.

²⁹ Sobre a necessidade do conceito ‘verdade’, Quine diz o seguinte: “podemos querer dizer que tudo o que alguém disse em certa ocasião era verdade, ou que todas as conseqüências de teorias verdadeiras são também verdadeiras. Quando se analisa desde um ponto de vista lógico contextos como estes, encontramos que o predicado ‘verdade’ não é aplicado a uma expressão aspada, mas a um pronome ou variável ligada” (*Ibidem*, pp. 123-124).

³⁰ Cf. Davidson, (1994), p. 439.

verdadeiros³¹. Segundo Davidson, isso implica que o conceito de verdade é independente e nos é desnecessário para entendermos outros conceitos importantes tais como os de ‘significado’ e ‘crença’, e que não precisamos destes para entender aquele. É justamente aqui que reside o problema em se dizer de Quine que ele é um deflacionista. Davidson faz uma citação de uma fragmente da obra de Quine *Theories and things*, no qual, ao falar da teoria de Tarski, ele, Quine, deixa claro que há uma relação do conceito ‘verdade’ com o conceito ‘significado’, e como já vimos aqui, Quine é tarskiano, e assim sendo, também para ele, tal relação existe. A citação diz o seguinte: “Tarski’s theory of truth [is] the very structure of a theory of meaning”³². Precisamos, então, do conceito de significado na aplicação do predicado ‘verdade’ e precisamos deste para entender o significado.

Segundo este ponto de vista, as relações básicas existentes entre verdade e significado são incompatíveis com a teoria deflacionária no tocante o conceito de verdade. E se é assim, segundo Davidson, aqueles que tomam sua ênfase no aspecto descitacional para concluir que Quine é um deflacionista devem estar errados, conclui ele.

Bensusan é um dos que dá a entender que Quine é um deflacionista devido ao fato dele recomendar a teoria da descitação³³. Para ele, dentro do cardápio deflacionista, o descitacionismo seria uma opção, por isso, se Quine recomenda tal teoria, e ela é uma espécie de deflacionismo, pelo motivo acima mencionado, então, obviamente, Quine seria um deflacionista. Todavia, logo em seguida, Bensusan faz uma citação de Quine na qual o próprio Quine diz, já nos últimos anos de sua vida, que ele fez as pazes com a verdade. Segundo essa afirmação, Quine teria sido um deflacionista durante muito tempo e só no fim de sua vida teria abandonado essa posição³⁴.

5. Conclusão

Vimos que entre os candidatos a portadores de verdade os mais fortes são as proposições e as sentenças. A escolha destas, à primeira vista, parece não ser a melhor, visto que não obedecem ao princípio de invariância. Sendo assim, a escolha acertada seria por aquilo que a sentença diz, ou seja, a proposição, pois essa sim parece obedecer ao princípio acima citado. No entanto, de acordo com o pensamento de Quine, a proposição, como vimos, tem seu ponto frágil na vulnerabilidade que ronda a noção de significado. Quine nos diz que as proposições, que muitos pensam serem os significados das sentenças, são sim significados de sentenças, mas de sentenças que pertencem a uma classe mais sólida, o que ele chama de “sentenças eternas”. Se for assim, por que não as escolher, já que têm a vantagem de serem audíveis e visíveis? Portanto, para Quine, os verdadeiros veículos da verdade são as sentenças daquela classe especial. Vimos também que as diversas propostas teóricas que se reúnem sob o rótulo do deflacionismo partilham de uma mesma ideia, que é a de que o conceito “verdade” é essencialmente sem relevância. Tal ponto de vista teria surgido como uma reação às teorias da correspondência. Junto com a noção de verdade como correspondência haveria uma espécie de substancialização da noção de verdade, e a função do deflacionismo seria dessubstancializar essa noção.

Quanto à posição de Quine, no que diz respeito à teoria da verdade e consequentemente a sua relação com o deflacionismo, vimos que ele é um simpatizante da teoria da correspondência tal como elaborada por Tarski. A teoria da verdade de Tarski, sob a ótica de Quine, descamba para um descitacionismo, o que nos permite concluir que

³¹ “According to Paul Horwich, a ‘deflationist’ holds that there is no more to the concept of truth than we know when we realize that every instance of the schema ‘The proposition that *p* is true if and only if *p* is true’ (*Ibidem*).

³² Quine apud *Ibidem*, p. 440.

³³ Cf. Bensusan, s.d., p. 56.

³⁴ Cf. *ibidem*, p. 57

ela também se encontra na esfera do deflacionismo. E isso parece nos autoriza a concluir que Quine também se move no árido terreno do deflacionismo.

No entanto, Donald Davidson, como foi apresentado aqui, se mostra contrário a uma conclusão como esta. Segundo ele, considerando que para o deflacionismo o conceito de verdade tem como característica uma total independência de outros conceitos importantes, tais como crença e significado, vê-se que não se pode afirmar que Quine é um deflacionista com base no fato de sua aceitação do descitacionismo. Como mostramos aqui, Davidson diz que em Quine o conceito “verdade” não é independente. Tal conceito tem uma relação estreita com o conceito de significado. Por isso, de acordo com Davidson, afirmar que Quine é um deflacionista com base no descitacionismo seria um erro.

Portanto, como pudemos ver, pelo menos com base no que foi aqui apresentado, definir a posição de Quine quanto a ele ser ou não um deflacionista quanto à verdade não é uma tarefa tão simples. Feito um balanço dos argumentos, parece que os de Davidson pesam mais. Considerando que em Quine o conceito de verdade não goza de total independência de outros conceitos, e que isso seria incompatível com a noção deflacionista, então, apesar de não haver qualquer dissenso quanto a se afirmar que Quine é um descitacionista, poderíamos dizer que ele não é adepto da visão deflacionista, e essa não lhe seria uma condição apenas dos últimos anos de sua vida, como sugeriu Bensusan, pelo menos desde os anos oitenta, que é a data da obra (*Theories and things*) de Quine, citada por Davidson para sustentar seu ponto de vista.

Referências

AUDI, Robert (direção). *Dicionário de filosofia de Cambridge*. Trad. João Paixão Netto; Edwino Aloysius Royer *et al.* (coleção dicionários). São Paulo: Paulus, 2006.

BARATA, André. (recensão), in SANCHES, Manuel. *Donald Davidson: acerca da correspondência, coerência e cepticismo*. Covilhã: Universidade da Beira Interior, 2010. Disponível em: <http://www.lusosofia.net/textos/barata_andre_davidson_e_a_justificacao_da_verdade.pdf>. Acesso em: 16/19/2013.

BENSUSAN, Hilan. *Depois de anos de deflação galopante, o que sobrou da verdade?* Disponível em: <http://brasil.academia.edu/hilanbensusan/papers/347649/depois_de_anos_de_deflação_galopante_o_que_sobrou_da_verdade>. Acesso em: 16/10/2013.

COSTA, Claudio F. *Arquiteturas conceituais: uma abordagem da filosofia contemporânea*. Natal-RN: EDUFRN, 2010. Disponível em: <http://www.google.com.br/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=1&ved=0CCsQFjAA&url=http%3A%2F%2Fwww.cchla.ufrn.br%2Fppgfil%2Fdocentes%2Fclaudio%2Flivros%2Flivro%2520%2520ARQUITETURAS%2520CONCEITUAIS.doc&ei=s6leUpfwj8TQtAaRm4CIAg&usg=AFQjCNGDy8W_CZrO86wMpiFwDsBIXrdUbA>. Acesso em: 16/10/2013.

DAVIDSON, Donald. “What is Quine’s view of truth?” *Inquiry*, 37, 1994. pp. 437-440.

DAVIDSON, D. *Verdade reabilitada*. Trad. Paulo Ghiraldelli Jr. Disponível em: <http://ghiraldelli.files.wordpress.com/.../davidson_verdade_reabilitada.pdf>. Acesso em: 08/02/2011.

FILHO, Abílio A. R. *Sobre a concepção de verdade de Tarski*. Disponível em: < http://www.abstracta.pro.br/revista/volume2number1/2_azambuja.pdf>. Acesso: 15/02/2011.

HAACK, Susan. *Filosofia das lógicas*. Trad. Cesar Augusto Mortari; Luiz Henrique de Araújo Dutra. São Paulo: UNESP, 2002.

QUINE, W. V. O. *La búsqueda de la verdad*. Trad. Javier R. Alcázar. Barcelona: Crítica, 1992.

STEIN, Sofia I. A. Aspectos convencionalistas da filosofia de Willard Quine. In *Principia* 7 (1 – 2). Santa Catarina: published by NEL – Epistemology and Logic Research Group (UFSC), 2003. pp. 185 – 203.

Texto recebido em: 02/05/2013
Aceito para publicação em: 21/09/2013